

“Vestígios do Passado: as Fontes e o Ensino de História”

Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha
Orientador: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Excerto I



Não importa! Mesmo nos tempos em que é feita a crítica ao estatuto de cientificidade nas ciências humanas, o documento continua sendo, para o historiador, o veículo fundamental das vozes passadas. Mas, que vozes são essas? Como chegam até nós? Por que algumas soam baixas, enquanto outras soam mais altas?

Excerto II

O documento é o veículo de múltiplas vozes e sensibilidades que pela intenção dos homens ou pelo acaso da história sobreviveu ao passar dos anos. Ele é uma peça que detém em si uma potencialidade de sentidos, cuja decifração há de levar em conta o manuseio daquele que o fabricou, bem como o significado atribuído a ele pelas diferentes gerações. Produzido intencionalmente por homens que quiseram nos deixar uma imagem de si, ele pode ser um fragmento escrito, uma imagem, um texto literário, uma tradição oral, e até mesmo a cena de um filme. Fragmento de um estrato de passado, ele é, sobretudo, vestígio. Vestígio de fazeres e dizeres cujo sentido muitas vezes nos escapa, o documento é refém da descontinuidade do tempo histórico. Entretanto, ele nos permite tentar compor imagens a partir de esforços de exercício imaginativo. O documento serve mal ao projeto da construção de uma narrativa do sentido universal da história do homem no tempo. Pelo contrário, ele serve para imaginar outros passados - fantasiar identidades que tornam a aula de história o lugar onde se dá o encontro com outros possíveis.



O grito do Ipiranga, de Pedro Américo, pintada entre 1887-1888, guardada no Museu do Ipiranga.

Excerto III

O documento faz parte de um arquivo ao mesmo tempo amplo e diverso. Amplo, pois acumulou com o passar dos anos uma infinidade de fragmentos dispersos. Diverso, pois suas estantes estão bagunçadas, não há uma sequência numérica necessária compondo uma comunidade de sentido entre os papéis de hoje e os de ontem. Dentro do arquivo, a relação de causalidade é o caos. Somos nós que ordenamos a relação caótica entre papéis que testemunharam acontecimentos estranhos e singulares. Diante dessa infinidade de diferenças possíveis, repousamos o olhar, demasiado suscetível à mitologia da realidade, e aguçamos o sentido do ouvir, almejando a compreensão, e não o julgamento. É preciso pegar o passado pelos chifres, visto que ele é força pulsante da diferença, violento e selvagem, e não acariciar-lhe o pêlo como a um cão domesticado.

Excerto IV

A partir do trabalho do historiador, o documento torna-se um dos atores no teatro da história. Pode ser parte na composição de um jogo de cena, no qual ele é responsável por expressar emoções trágicas que cortam as linhas do pensamento único e a mitologia da realidade. O documento, bem posicionado no palco do teatro histórico, transmite emoções cortantes, carregadas de uma afetividade e de um sentido que muitas vezes escapa aos espectadores. O bom diretor precisa preparar a platéia, compondo uma narrativa que prime pela suspensão das unidades tradicionais do pensamento, de maneira que a entrada do documento no palco seja um corte, mas ao mesmo tempo um clarão sobre áreas até então obscurecidas pelas visibilidades do tempo presente. Ele entra em cena de forma intempestiva, desordenando o caminho natural e tranquilo da peça, sugerindo um novo clímax, segundo novas regras e sentidos diferentes.

Excerto V

O documento articula-se à narrativa e à imaginação, com o sentido de vislumbrar outros possíveis - fragmentos de passado que permitam refletir sobre nossa pretensão de seres contemporâneos instalados na plenitude da Razão. Ele não serve mais como objeto de Revelação, nem os professores precisam socorrer-se na sua Verdade como juízes do sentido da história. Pelo contrário, o documento é fonte de enigmas, cercado por uma aura de mistério que carrega a força da surpresa e do inusitado. Ele serve a uma pedagogia do movimento, em que o sujeito desaparece e o princípio de individuação é rompido. Dialoga com a embriaguez e o arrebatamento da cena de um drama, em que a liberdade de retornar ao instante de criação de si é a única constante. O documento participa da aula de história como artefato de imaginação, segundo o princípio artístico que almeja desenhar não apenas um novo mundo, mas vários novos mundos possíveis.

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. 2001.
FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.8.
VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

